

## A ESCOLA DO FUTURO: UMA PONTE DE SIGNIFICADOS SOBRE A ESTRADA DA INFORMAÇÃO

Guiomar Namó de Mello  
Membro do Conselho Nacional de Educação  
Diretora-Executiva da Fundação Victor Civita

Nas sociedades contemporâneas, a informação e o conhecimento estão se tornando disponíveis a um número cada vez maior e mais diversificado de pessoas. A internet, rede mundial de informação que torna o hipertexto acessível a um simples toque dos dedos, é a expressão tecnologicamente mais avançada de um processo que há mais de cinquenta anos vem se instalando na nossa cultura.

Uma consulta à banca de revistas e jornais, existente em cada esquina das grandes cidades, mostra que o hipertexto já faz parte do cotidiano urbano. Aí se encontra um mundo caótico e divertido de acesso à informação: dicionários e jogos instrutivos; obras que vão da jardinagem à filosofia, passando por atualidades políticas e científicas, ecologia e outras. Todas a um custo equivalente...

Acrescente-se a isso o enorme poder informativo e formativo da televisão e a possibilidade recente de interação entre os diferentes meios de comunicação, para dimensionar o caminho aberto pela “auto-estrada” da informação que só tenderá a ampliar-se e a aumentar o número dos que nela navegam.

O avanço da tecnologia da informação vai propiciar uma mudança no paradigma da produção e divulgação do conhecimento. Não é fácil desenhar com precisão o cenário do futuro, mas uma coisa parece clara: o conhecimento deixará de ser monopólio das instituições que tradicionalmente têm sido suas zelosas depositárias. Vale a pena portanto fazer um esforço para (re)significar o papel do professor e da escola nesse futuro próximo.

É preciso reconhecer que, para muitas crianças deste final de milênio, a escola já não é a única e talvez nem a mais legítima fonte de informações. Conseqüentemente, o papel do professor sofrerá mudanças profundas: de guardião fiel de conceitos, ele deverá assumir a função de dinamizador da incorporação aos conteúdos de ensino dos conhecimentos que vêm de fora da escola.

Se quiser que seus alunos gostem de aprender, o professor não poderá continuar isolado em sua disciplina. Ele terá que ser suficientemente aberto, estimulando os alunos a trazerem para a escola as informações que o *habitat* natural da sociedade lhes transmite continuamente. Só assim eles conseguirão relacionar a aprendizagem na escola com o mundo em que vivem.

Essa mudança de papéis vai muito além da mudança na posição física do professor em sala de aula – na frente ou junto aos alunos. Ela atinge o núcleo mesmo da missão da escola: reconhecer que não é possível transmitir conhecimentos com a mesma velocidade e atratividade da multimídia. E privilegiar a constituição de um quadro de referência científico, cultural e ético para **dar sentido e levar à prática** a informação e o conhecimento. Construir sentidos com base na informação e no conhecimento poderá ser a tarefa mais nobre da escola na sociedade da informação.

Pode-se afirmar que, se a estrada da informação será cada vez mais presente, às instituições educativas caberá construir sobre essa estrada uma ponte de significados que permita aos jovens selecionar, organizar o conhecimento e transformá-lo em práticas para intervir no mundo físico e social. Só os significados permitirão aos alunos cruzá-la sem serem atropelados pela quantidade e diversidade de informações que já estão congestionando a nossa visão de mundo.

Que outra coisa propunham mestres como Dewey, Piaget, Vygotsky ou Freinet, para citar apenas alguns, apesar de suas diferenças? Esse é portanto um sonho antigo dos educadores, mas até hoje não conseguimos que a educação escolar, como um todo, vá além da transmissão de conhecimentos. Será que a tecnologia da informação poderá ser o elemento que faltava?

A resposta a essas perguntas dependerá de enfrentarmos dois tipos de desafio: de um lado, praticar formas de gestão que fortaleçam o exercício da iniciativa criadora da escola, incluindo-se neste aspecto a gestão da informação e dos recursos financeiros. De outro, (re)significar os instrumentos do trabalho pedagógico: currículos, métodos e programas de ensino e perfis de competência dos professores.

A construção de sentidos na escola terá que ser cada vez mais interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar. O conhecimento contemporâneo está ultrapassando as fronteiras rígidas do paradigma científico do século passado. A estrutura do hipertexto expressa bem essa noção: nele, muitos *links* podem ser estabelecidos entre fatos de natureza diferente, conceitos e linguagens lhes dão suporte. Currículos rigidamente disciplinaristas estarão cada vez mais em dissonância com o cotidiano do aluno. O “extra-curricular” deverá tornar-se mais do que nunca “curricular”: projetos de investigação, de produção ou intervenção, real ou simulada, na realidade.

Situações de aprendizagem produzem conhecimentos significativos quando induzem o aluno a referí-lo ao vivido e observado de modo espontâneo, daí a necessidade da abertura do currículo para a experiência e o conhecimento existentes fora do contexto escolar. Essa regra pedagógica é antiga: motivar o aluno a aprender requer superar as limitações da transposição didática. Só que daqui em diante essa tarefa será cada vez mais complexa porque a própria informação estará cada vez mais presente no cotidiano dos alunos.

Acessar e adquirir conhecimento pode ser um ato solitário. A construção de sentidos implica necessariamente em negociá-los com o outro: familiares, companheiros de escola e de trabalho, professores ou interlocutores anônimos dos textos e dos meios de comunicação. Por mais interativos que estes venham a ser, dificilmente poderão substituir a situação face-a-face da aprendizagem escolar, decisiva na construção **coletiva** de conhecimentos, valores e disposições de conduta superadoras da exclusão social. Se a negociação de sentidos é importante, na educação ela terá que continuar sendo feita segundo os valores éticos da democracia, do reconhecimento do outro e do respeito aos fatos. Não basta portanto a mídia interativa. É preciso a intervenção do educador.

Os conteúdos curriculares deixarão de ser fins em si mesmos para tornarem-se **meios** de constituição das capacidades necessárias ao exercício de dar sentido ao mundo. O currículo será voltado para as competências cognitivas e

sociais que facilitam a análise, a inferência, a prospecção, a solução de problemas, a continuidade da aprendizagem, a adaptação às mudanças, a proposição de valores favoráveis à intervenção solidária na realidade. Não é por acaso que tais competências são as que agregam maior valor ao trabalho e à participação nas sociedades pós-industriais: as formas de organização dos processos produtivos e das práticas sociais foram, elas também, afetadas pela revolução da informação.

Finalmente é necessário reafirmar a importância da escola. A ela cabe constituir significados **deliberados**, baseados na experiência espontânea mas que não devem aprisionar o aluno na cotidianidade. O conhecimento deliberado é sistemático: sabe como se aprende e para que serve o saber. Só ele dá acesso à universalidade dos significados socialmente reconhecidos como verdadeiros. Os saberes científico, estético, social, político e ético, e os valores a eles associados, constituem a base da identidade solidária e não excludente.

Estes são os objetivos que a educação escolar persegue desde que Sócrates associou a sabedoria à virtude. A incapacidade de alcançá-los provocou condenações ferozes – e válidas – à escola e aos educadores. O desafio agora é tirar proveito da tecnologia da informação para cumprir com êxito a missão que nos legaram os grandes pedagogos do passado.